

OLHO POR OLHO?

O que pensam os cariocas sobre
“bandido bom é bandido morto”

Abril de 2017

Ficha técnica

Coordenação

Julita Lemgruber
Ignacio Cano
Leonarda Musumeci

Pesquisador

Paulo Victor Leite Lopes

Pesquisa de campo

Coordenação

Sonia Nunes

Pesquisadores

Adriana Carneiro
Ana Claudia Carvalho
Janiely Bezerra
Jorge Oracy
Kryssia Ettel
Lucia Helena Camargo
Rosália Menezes
Sonia Nunes

Grupos focais

Elo Serviços de Apoio à Pesquisa

Apoio administrativo

Ana Paula de Andrade

Apoio financeiro



Realização





A pesquisa

- ❑ Aplicação de **questionários** em pontos de fluxo a uma amostra aleatória de **2.353** pessoas, representativa da população do município com 16 anos ou mais de idade
 - Estratificou-se a amostra pelas 5 APs da cidade e, dentro de cada AP, foram definidas quotas por **sexo**, **faixa etária** e **nível de instrução**
 - A margem de erro dos resultados, para uma amostra aleatória simples do mesmo tamanho, seria de 2%, com intervalo de confiança de 0,05
 - O levantamento foi realizado em março-abril de 2016
- ❑ Três **grupos focais** exploratórios, com participantes de diferentes faixas etárias e níveis de escolaridade, moradores e não moradores de favelas
- ❑ **Entrevistas em profundidade** com nove especialistas de diversas áreas profissionais: um juiz de direito, um político, um antropólogo, três ativistas de movimentos sociais e direitos humanos, um jornalista, um psicanalista e um oficial reformado da PMERJ

A close-up photograph of a person's hands, which are handcuffed together in front of their waist. The person is wearing a dark blue short-sleeved shirt and grey trousers. The background is dark and out of focus.

1

**Para os cariocas,
“bandido bom é
bandido morto”?**

- ➔ A maioria (60%) **discorda** da frase BBBM. Só **37%** concordam (31% integralmente) e 3% são neutros ou não responderam

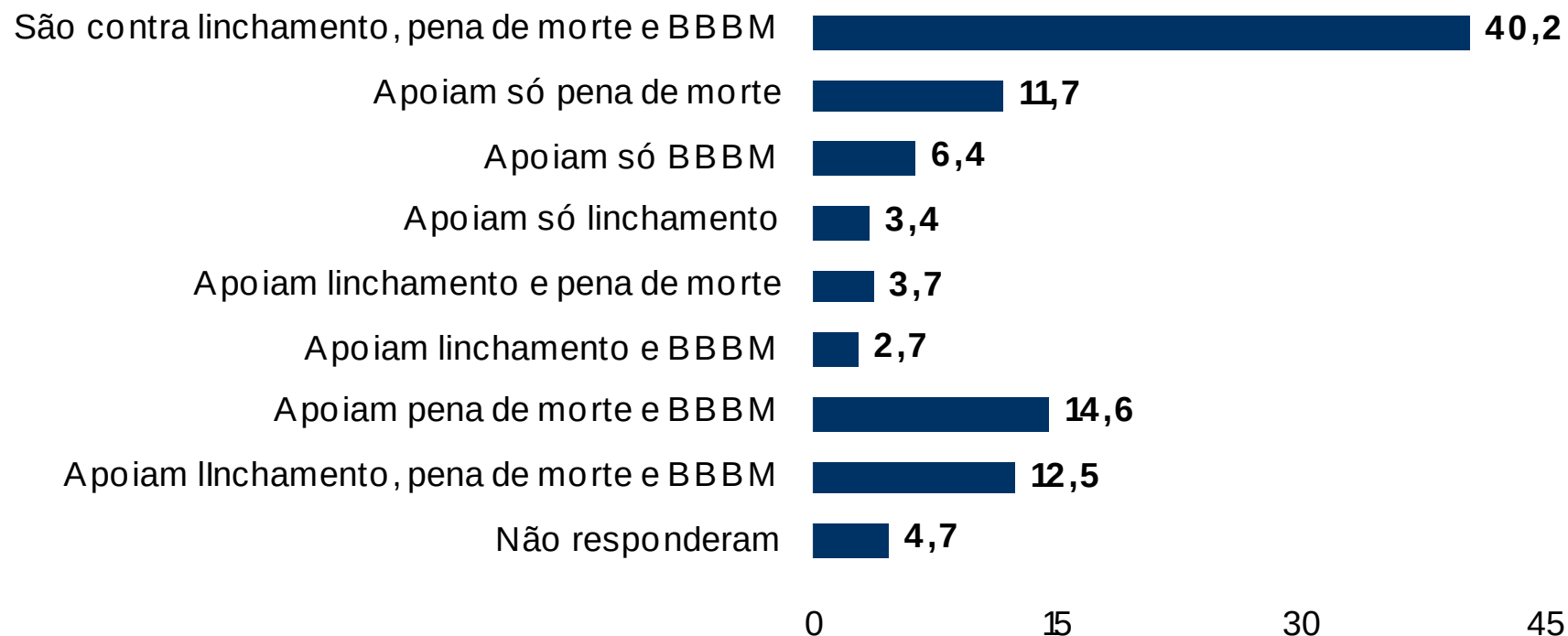


Pesquisa DataFolha/FBSP em cidades brasileiras com mais de 100 mil habitantes constatou em 2016 que **57%** das pessoas concordavam com BBBM

- ➔ **40,2%** dos cariocas **não** concordam com BBBM nem consideram o linchamento justificável, nem gostariam que a pena de morte fosse introduzida no Brasil
- ➔ ***Não** há diferença significativa quanto ao apoio ou a rejeição a BBBM entre jovens e não jovens, negros e brancos, moradores e não moradores de favelas.*
- ➔ Mas gênero, renda e religião influem: **homens** apoiam a frase mais do que mulheres, pessoas de **baixa renda**, mais que as de renda alta e **católicos** mais do que evangélicos

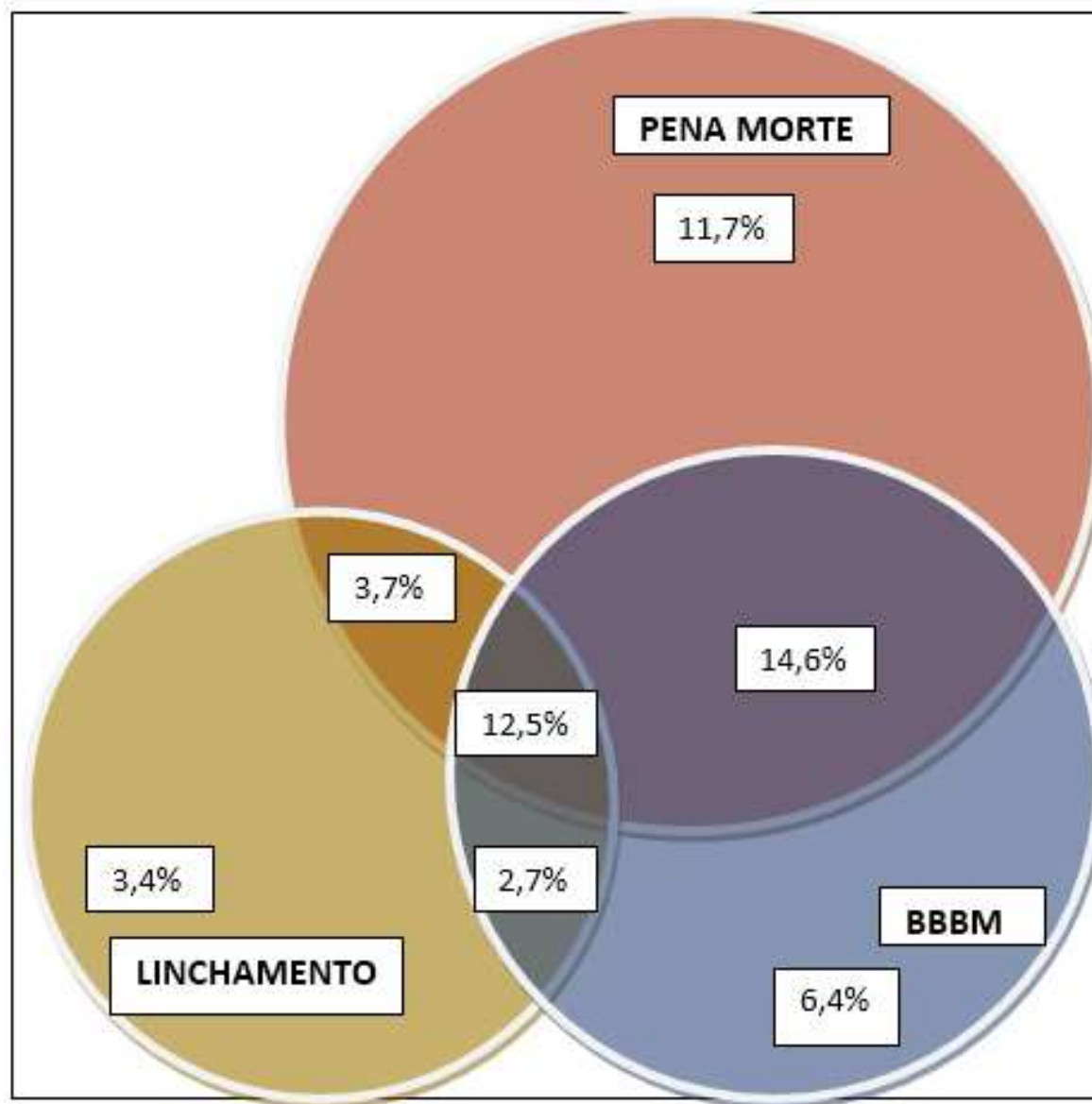
→ Dos que **acham** que bandido deve morrer, **38%** mencionaram somente a pena de morte **judicial**, não execuções pela polícia, por milícias nem pela própria população. Já 31% mencionaram apenas a polícia como autora da execução

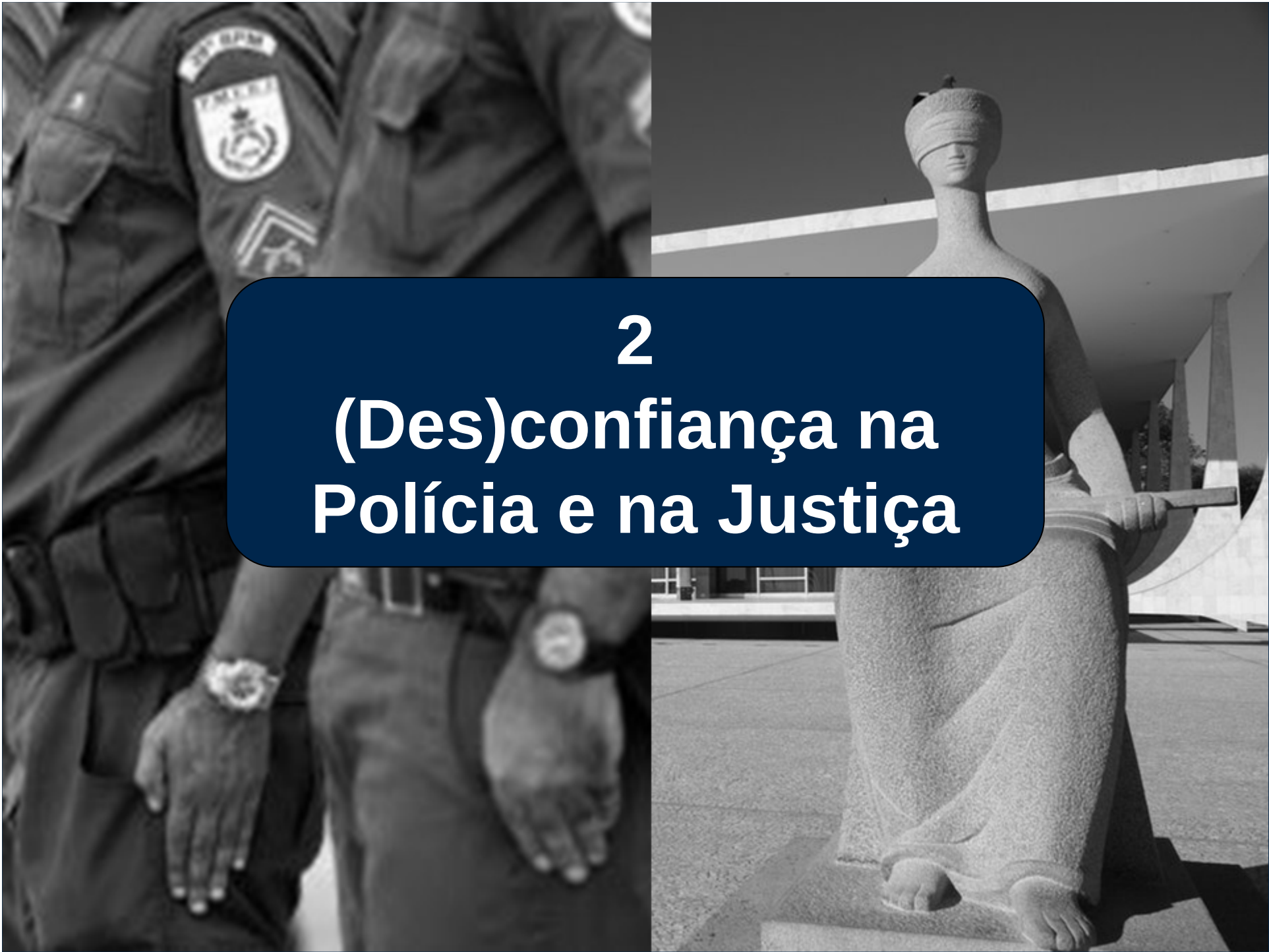
Posicionamento geral dos cariocas (%):



→ Religiosos **praticantes**, na maioria evangélicos, que frequentam cultos diariamente, são os que mais rejeitam a frase BBBM (**73,4%** discordam dela)

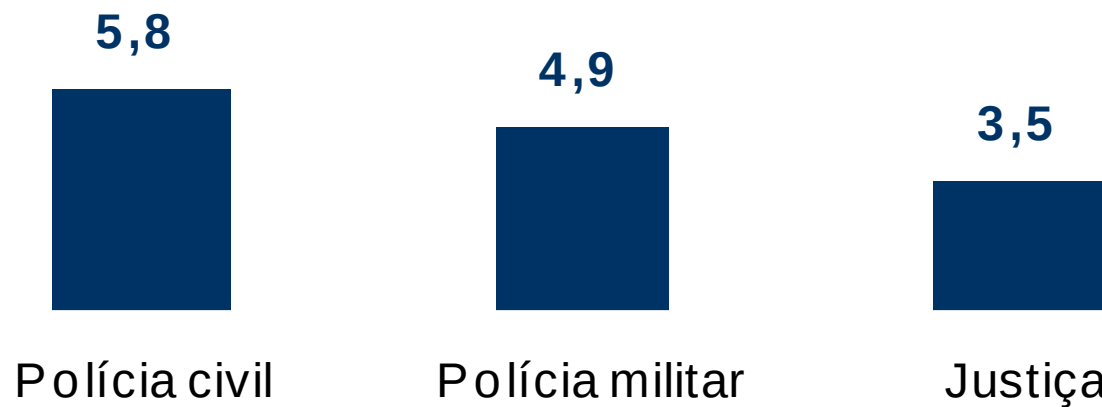
Opiniões combinadas sobre linchamento, pena de morte e BBBM (%)





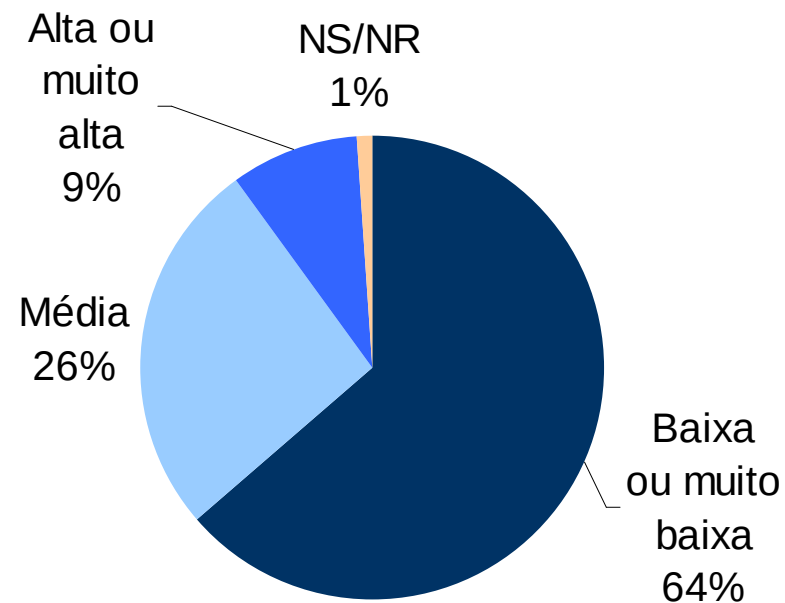
2

(Des)confiança na Polícia e na Justiça

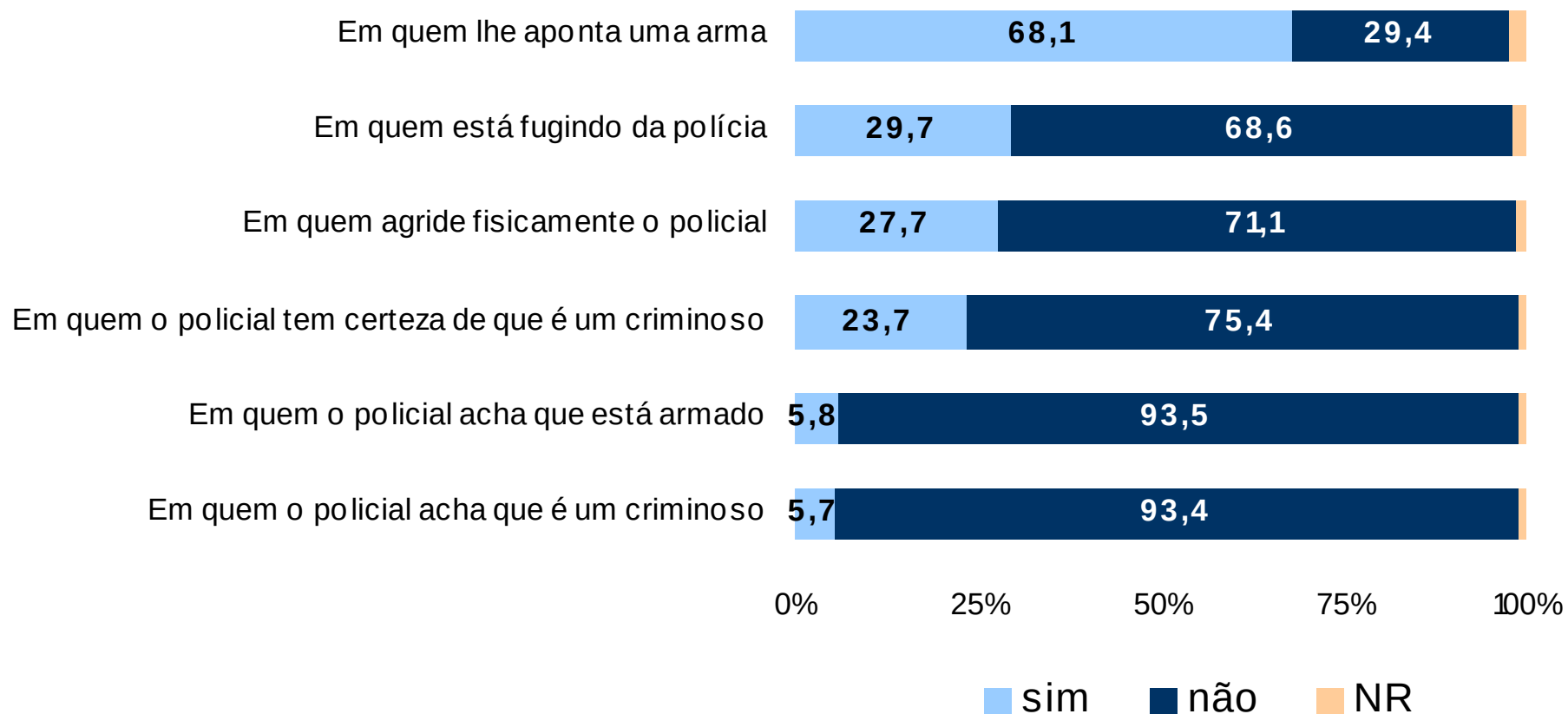


**Média das notas
de confiança
numa escala de
zero a dez**

**Chance de um criminoso ser
punido pela Justiça no Brasil**

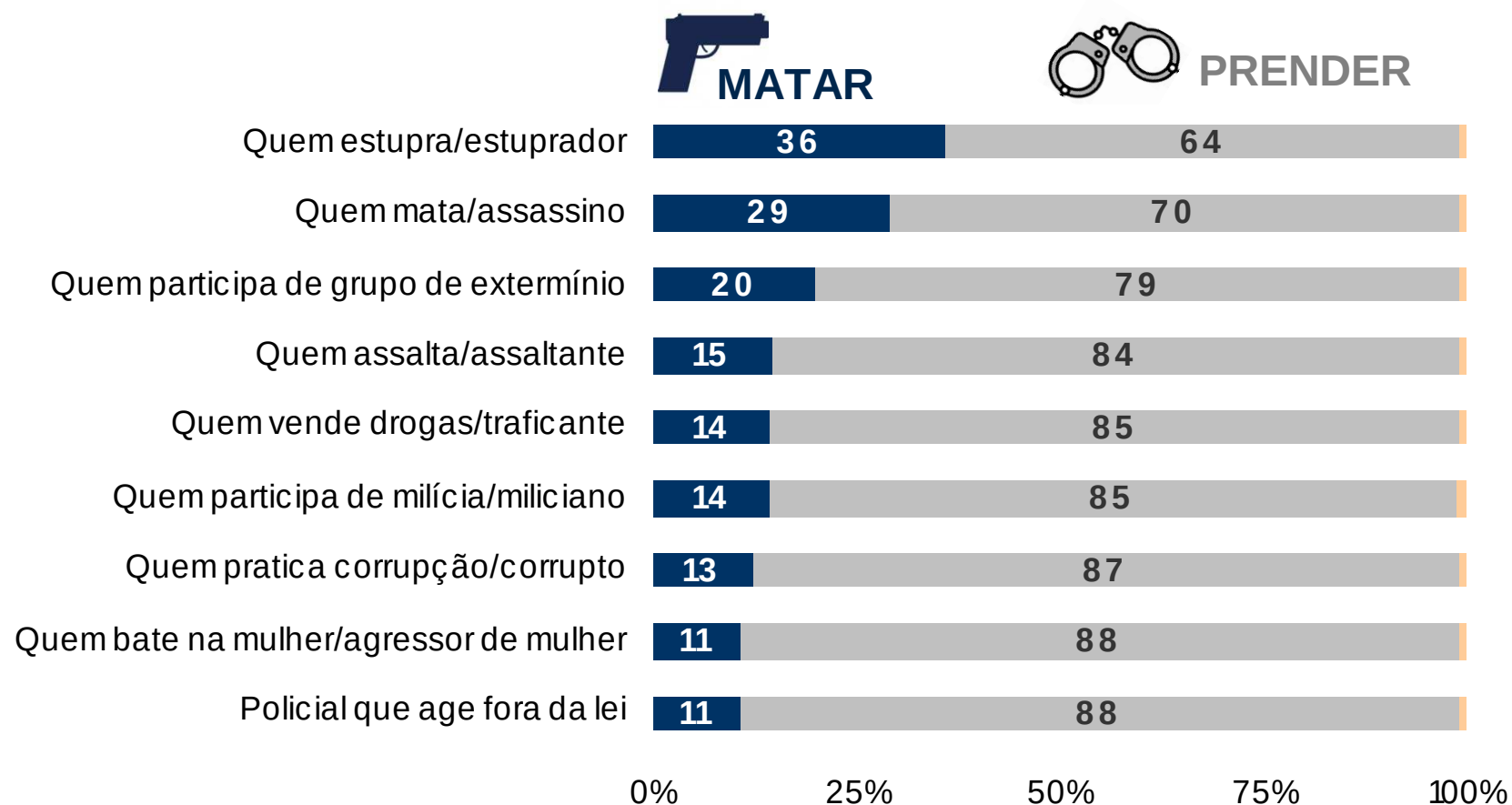


Em quem o policial pode atirar?



→ **69%** acreditam que a polícia **não** sabe distinguir trabalhador de bandido

Se tiver escolha, o policial deve matar ou prender?

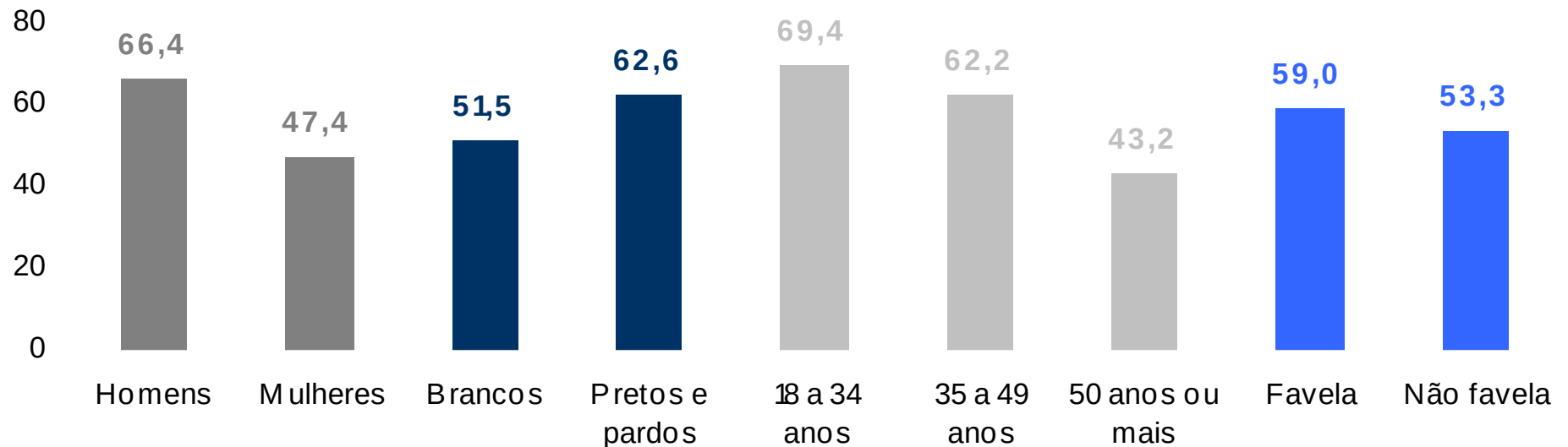


→ **61%** acham que a polícia, tendo escolha, deve **sempre*** prender em vez de matar

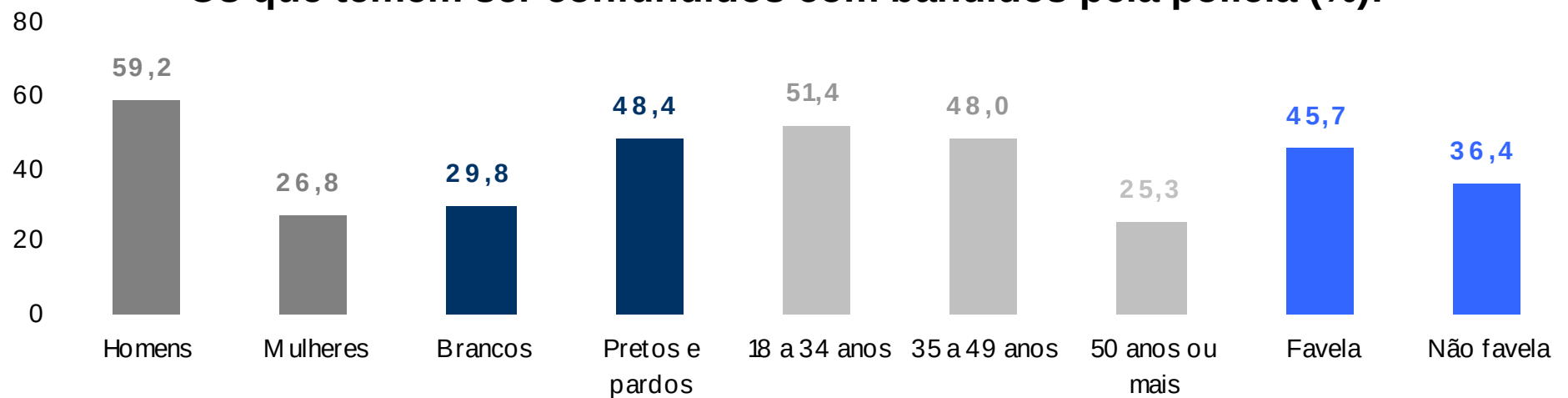
→ Só **5,4%** acreditam que ela deva **sempre*** matar

(*) "Sempre" refere-se às nove situações do gráfico

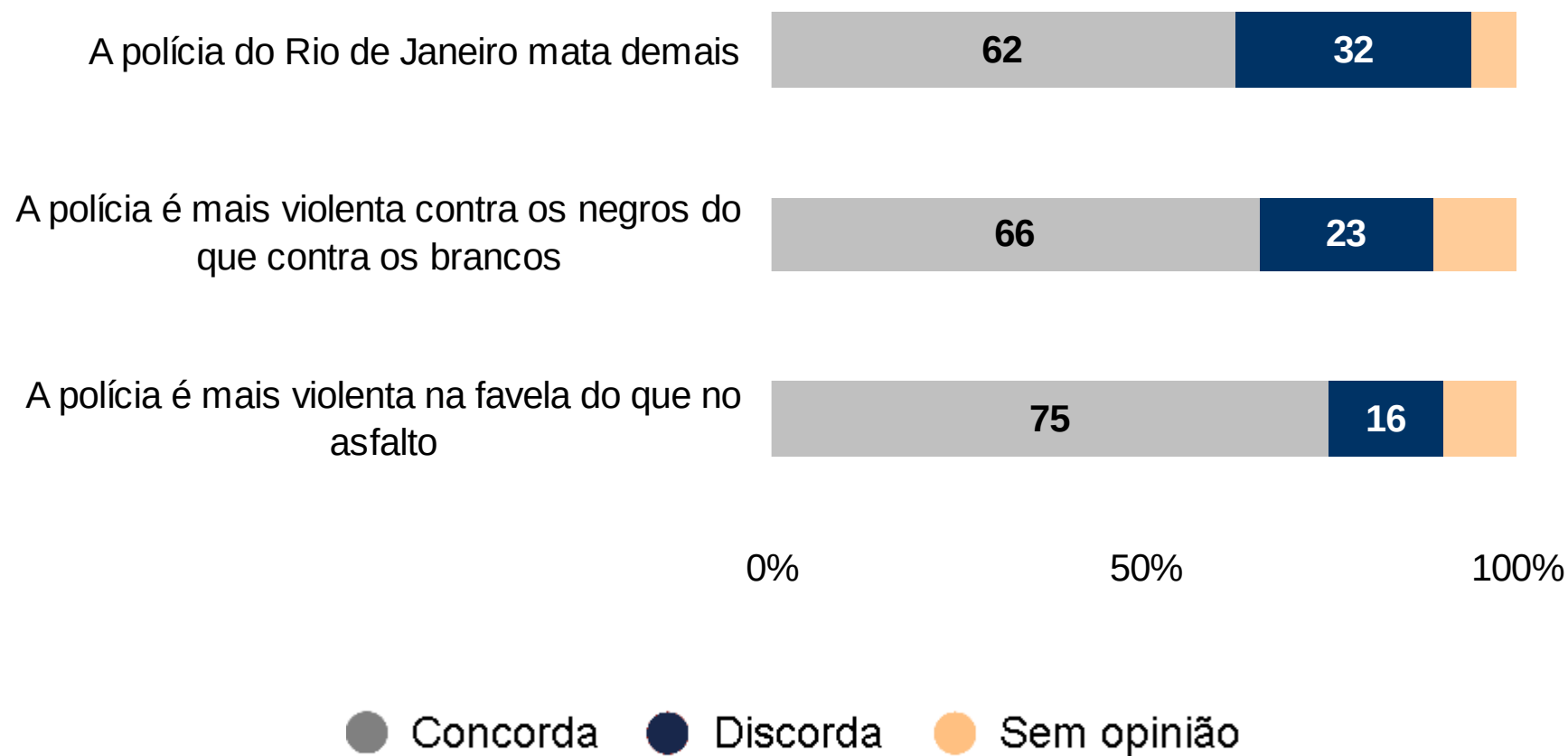
Cariocas que se vêem como vítimas prováveis ou muito prováveis de violência policial (%):



Os que temem ser confundidos com bandidos pela polícia (%):



Polícia violenta e seletiva





3

“Bandido” tem solução?

Definição de bandido

- Quem mata/assassino
- Quem estupra/estuprador
- Quem participa de grupos de extermínio
- Policiais que agem fora da lei

97%

- Quem vende drogas/traficante
- Quem participa de milícia/miliciano
- Quem pratica corrupção/corrupto

96%

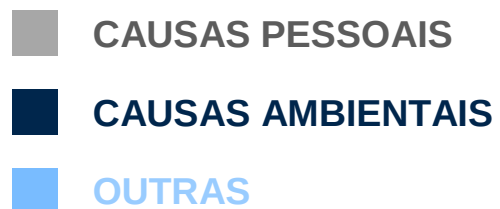
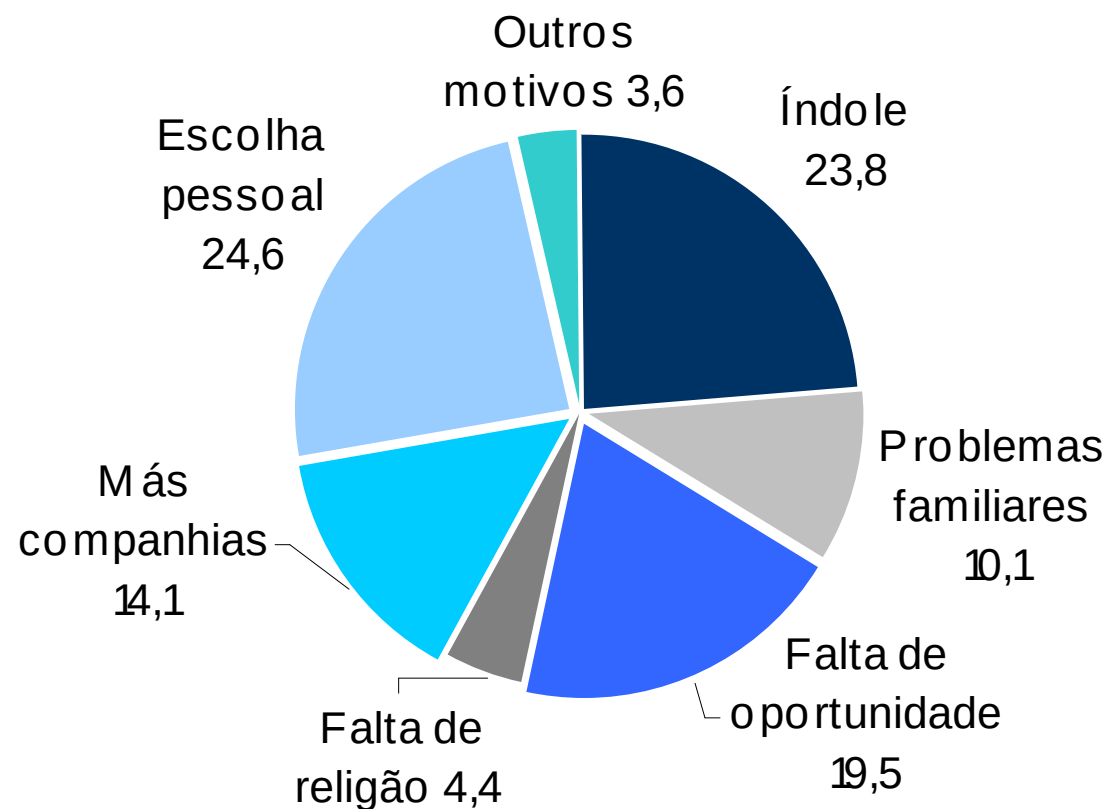
- Quem rouba/assaltante

94%

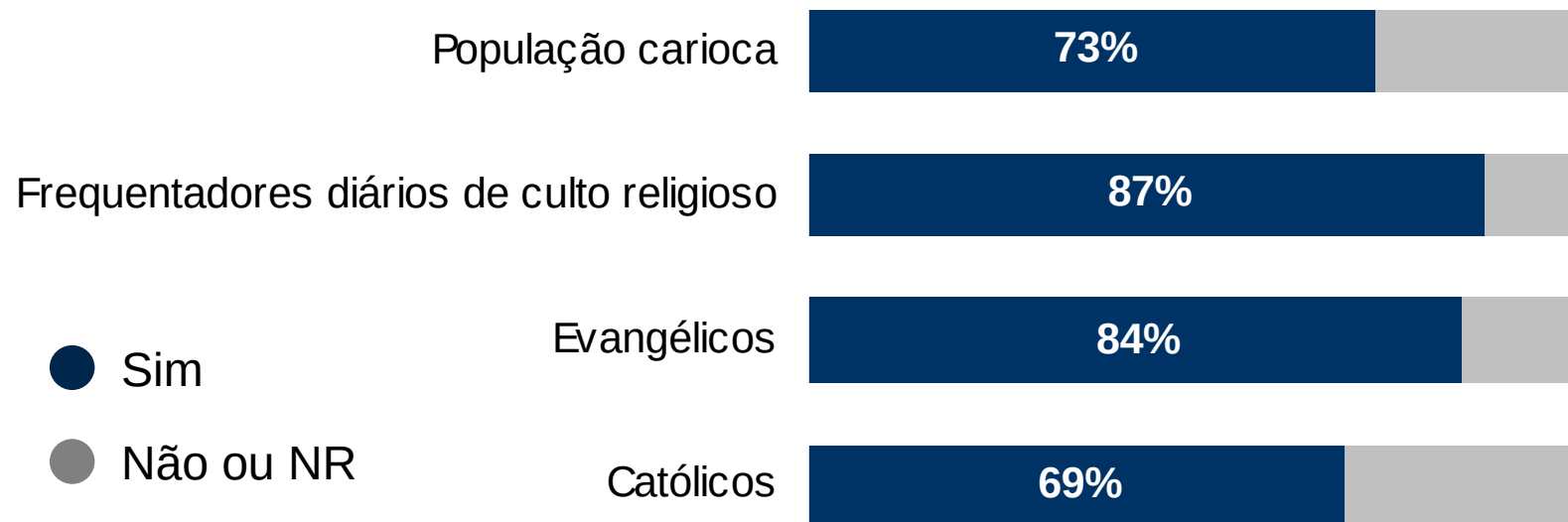
- Quem bate em mulher/agressor de mulher

86%

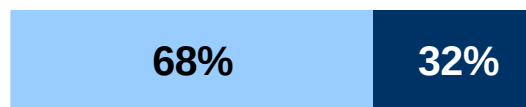
O que leva alguém a cometer crime? (%)



Um criminoso pode tornar-se “cidadão de bem”?



Acredita que criminoso possa tornar-se cidadão de bem



Não acredita que criminoso possa tornar-se cidadão de bem



● Discorda de BBBM

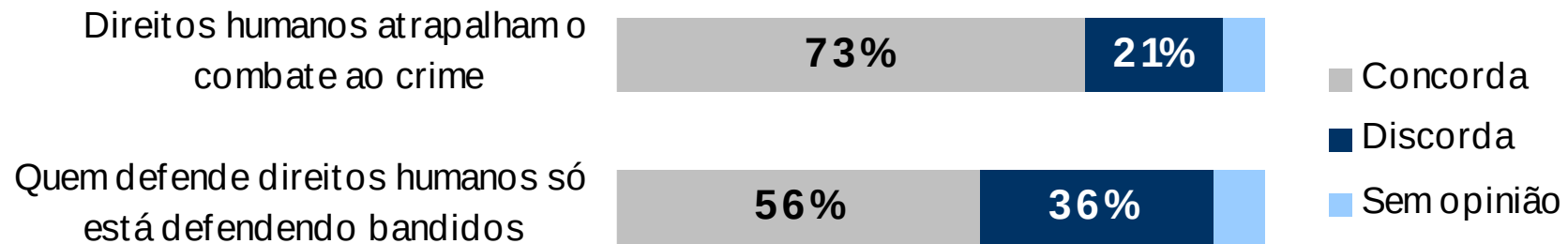
● Concorda com BBBM



4

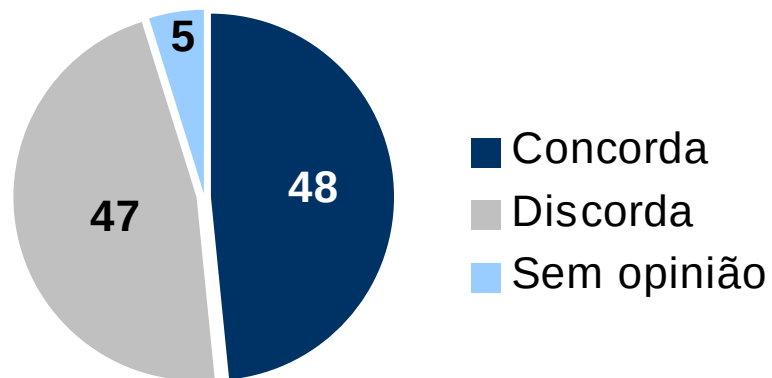
Direitos humanos e legislação penal

→ A maioria dos cariocas não acredita que **controle da criminalidade e direitos humanos** sejam compatíveis

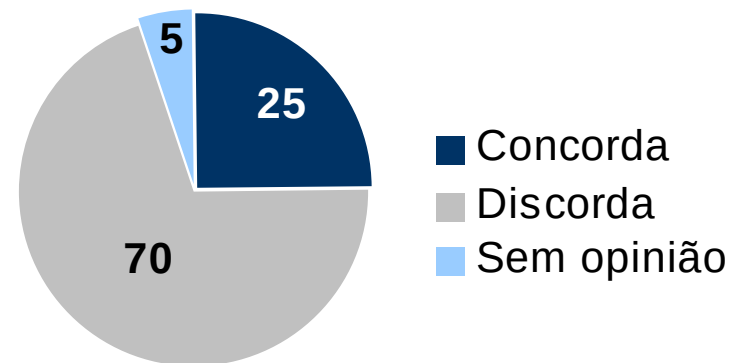


→ Mas se dividem em aceitar ou não que “bandidos” tenham direitos e, na grande maioria, não acreditam que os problemas de segurança se resolveriam dando à polícia licença para matar

Os bandidos não respeitam os direitos dos outros, por isso não merecem ter direitos (%)



O problema da criminalidade estaria resolvido se a polícia tivesse carta branca para matar os bandidos (%)



➔ Mesmo confiando muito pouco na Polícia e na Justiça, cariocas apostam no endurecimento penal

Penas mais rigorosas
reduzem a criminalidade

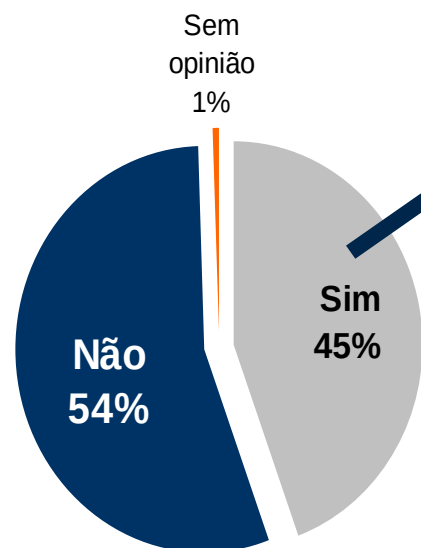
79%

Menores de idade que
cometem crimes
violentos devem ser
julgados como adultos

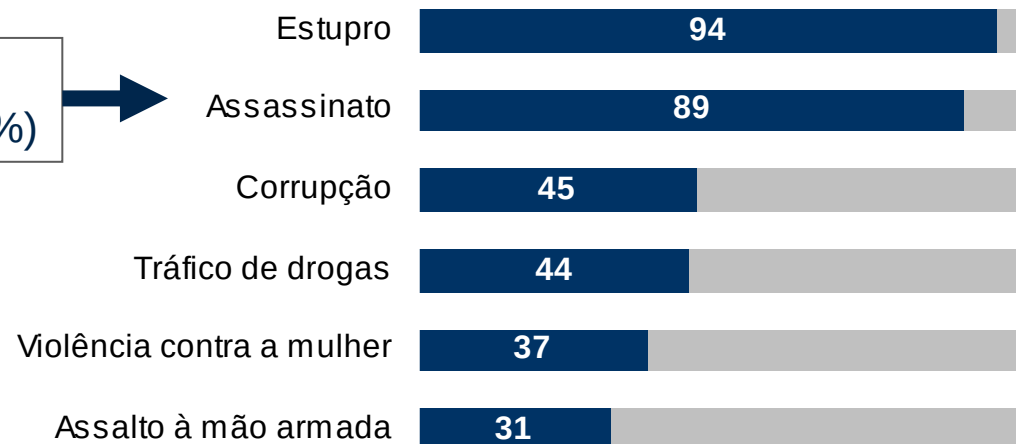
86%

➔ Entretanto, a maioria **não** apoia a pena de morte

Acha que deveria existir pena
de morte legal no Brasil?



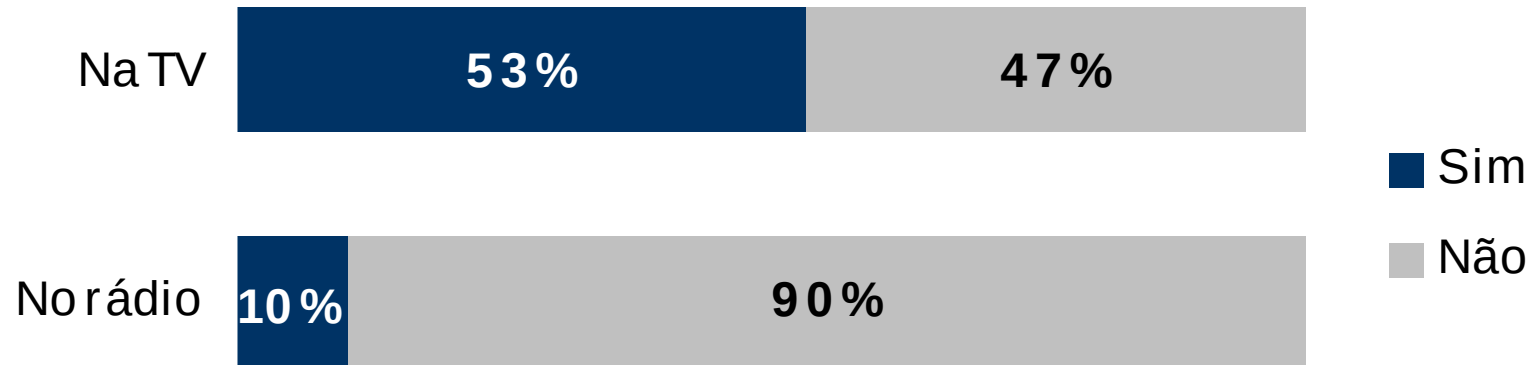
Para que
crimes? (%)



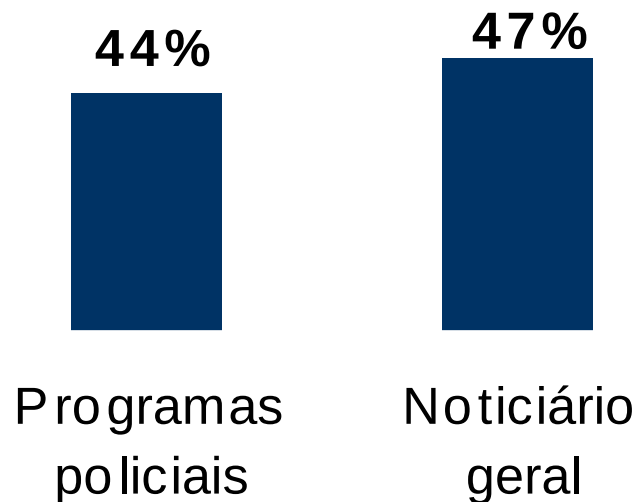
5

O papel da mídia e das redes sociais

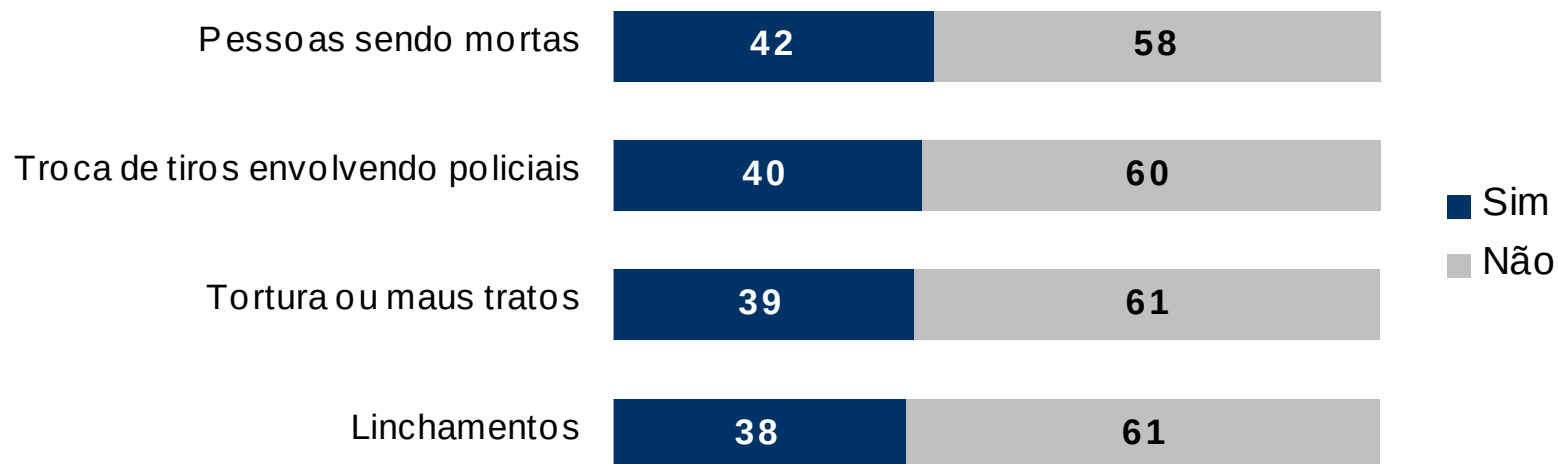
Costuma ver/ouvir com frequência programas que falem de crime, violência ou segurança?



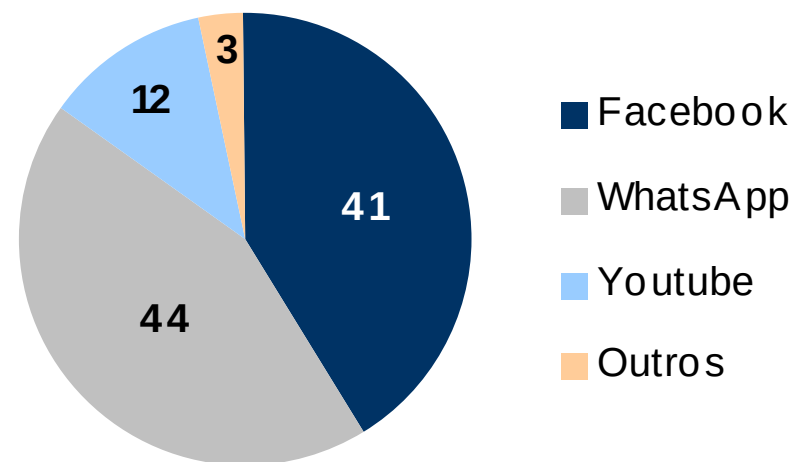
Onde, na TV?



Já viu estas cenas de violência na internet? (%)



Em que canal(is)? (% das respostas)



6

Algumas reflexões



‘Bandido bom é bandido morto’ é o afunilamento de várias camadas de exclusões: a pessoa vai sendo excluída, vai sendo excluída, vai sendo excluída, e no final ela é morta, tem a morte admitida, é uma vida descartável, uma pessoa matável, que a sociedade deseja que morra, ou não se importa que ela morra.” (Historiador, ativista de direitos humanos)



Nós não incorporamos a individualidade no Brasil como experiência, valor e categoria (...). Então, se não tem individualidade, você está matando quem?” (Antropólogo e escritor)



De reivindicação democrática central no processo da chamada abertura política, defendida por amplos setores da sociedade, os direitos humanos foram transformados, no contexto de discussões sobre a criminalidade, em “privilégios de bandidos” a serem combatidos pelos homens de bem.” (Teresa Caldeira, 1991).



Faltou a esse movimento [de DH] a construção de um diálogo com a sociedade, faltou uma boa comunicação, porque eles foram perdendo... Antes, eles tinham todo o apoio da imprensa, na ditadura; com a redemocratização eles vão se afastando, os grupos vão ficando isolados.” (Jornalista)



O Estado é realmente violador dos direitos humanos, historicamente ele foi construído dessa maneira, é um órgão de opressão. Mas os policiais são o Estado, e eles não enxergam aquilo que fazem como opressão, eles enxergam aquilo que fazem como se fosse um sacrifício, como um trabalho essencial pra que a sociedade possa existir como sociedade.” (Policial militar reformado)



A relação da sociedade, em geral, com a polícia é muito ruim (...), de uma incompreensão dos dois lados: sobre o papel que a sociedade tem que cumprir em relação a um controle da polícia e, por outro lado, [sobre o que] a polícia (...) pode fazer, deve fazer. (...) A população tem claro o papel de um (...) médico ou de um professor, [mas] no caso da polícia, essa clareza (...) não existe, [a população] não sabe o que demandar da polícia.” (Assistente social, ativista de movimento de favelas)



Nós todos somos vítimas dessa ideia do medo, porque o Estado já diz de antemão que não protege, porque a polícia é uma polícia falha, é uma polícia desaparelhada (...), então só resta a figura do justiceiro e qualquer vigarista com vontade de encarnar esse papel truculento vai receber aceitação de uma parte da sociedade.” (Médica, ativista de movimentos sociais)



A possibilidade de (...) refletir criticamente sobre uma situação é um esforço muito grande, é um esforço intelectual [e] emocional, às vezes você não consegue (...). Começa a crise a ficar ruim, (...) isso retrai essa atividade crítica pra uma coisa muito mais primitiva, que é amigo e inimigo, eu e o outro (...). Simplificar é uma maneira de você se situar psiquicamente, emocionalmente, e de alguma maneira (...) isso também organiza a sua ação no mundo, você começa a aplaudir assassinato de bandido, começa a aplaudir [linchamento]...” (Psicanalista)

7

Caminhos de mudança

Principais resultados da pesquisa quantitativa

- Maioria da população carioca **não** apoia BBBM e **40%** não apoiam nem pena de morte, nem linchamento, nem BBBM
- Apoio ao chavão BBBM **não** significa necessariamente aceitação de que a polícia tenha carta branca para atirar e matar
- Mesmo entre os que apoiam BBBM, a **pena de morte judicial** é preferida ao linchamento ou às execuções policiais
- **Evangélicos** são os que mais acreditam na ressocialização de “bandidos” e **religiosos praticantes** (73% evangélicos) são os mais avessos ao slogan BBBM
- Negros, jovens e moradores de favelas, embora percebidos como **vítimas preferenciais** da violência letal, apoiam BBBM na mesma proporção dos outros segmentos sociais

Pontos a abordar

Desnaturalização da violência

- Guerra às drogas e demonização do traficante
- Racismo
- Mitos da cordialidade e da democracia racial
- Fruição do sofrimento alheio
- Falsas dicotomias bandido X cidadão de bem, amigo X inimigo

Reciclagem do discurso e do ativismo de direitos humanos

- Linguagem e argumentação mais próximas da vivência popular
- Superação da dicotomia direitos sociais X direitos humanos
- Diálogo com a polícia

Produção de empatia e desconstrução de estereótipos

- Histórias pessoais: o “bandido”, a vítima pobre, o policial de ponta
- Mobilização de sentimentos, sensibilidades, não só razão
- Variados meios e linguagens: mídia, redes sociais, arte, humor



Centro de Estudos de
Segurança e Cidadania



UNIVERSIDADE
CANDIDO
MENDES

www.ucamcesec.com.br



CESeC - Centro de Estudos
de Segurança e Cidadania